Secretaria de Estado dos Negocios da Educação e Cultura

ARQUIVO PÚBLICO DE ALAGOAS

ABELARDO DUARTE

ACRÉSCIMOS E RETIFICAÇÕES À "HISTÓRIA DO LICEU ALAGOANO"

1963
MACEIÓ
Governador do Estado

GENERAL LUIZ CAVALCANTI

Vice-Governador
TEOTONIO VILELA

Secretário de Estado dos Negócios de
Educação e Cultura
DR. DERALDO CAMPOS

Diretor do Arquivo Público de Alagoas
MOACIR MEDEIROS DE SANT'ANA

Diretor da Imprensa Oficial
CARLOS MOLITERNO

Secretaria de Estado dos Negocios da Educação e Cultura

ARQUIVO PÚBLICO DE
ALAGOAS

ABELARDO DUARTE

ACRÉSCIMOS E RETIFICAÇÕES À "HISTÓRIA DO LICEU ALAGOANO"

1963
IMPRENSA OFICIAL
MACEIÓ

Publicações do ARQUIVO PÚBLICO DE ALAGOAS – Vol.3

AO LEITOR

Venho completar e retificar nalguns pontos as notas que enfeixei em volume sob o título História do Liceu Alagoano, volume XI da Série Estudos Alagoanos, do D.E.C. Se a boa vontade do Diretor do Departamento Estadual de Cultura (D.E.C.), jornalista Arnôldo Jambo, ensejou aquela publicação, outro amigo das letras históricas, o historiógrafo Moacir Medeiros de Sant'Ana, Diretor do Arquivo Público de Alagoas (A.P.A.), permitiu que terminasse minha tarefa, franqueando o acervo dessa repartição à minha sôfrega consulta e fazendo publicar, agora, os retoques finais, ambos devo dizer – coadjuvados pelo Secretário da Educação e Cultura, professor Deraldo de Sousa Campos, incentivador do movimento que, nesse terreno publicitário, ocorre, atualmente, entre nós.

Cada vez que percorrem meus olhos os documentos que estão no A.P.A., pergunto a mim mesmo: – Por que não fazer como os antigos, seguindo-lhes o exemplo de método? Está o mundo atravessando a fase da Técnica. Entretanto, sem dispor dos processos mecânicos de hoje, da catalogação moderna e de outros meios, os administradores do passado deixaram em admirável ordem os seus documentos, que agora nos ajudam a desvendar as dúvidas históricas.

Antes de dar com esse precioso documentário, anulei às tantas, procurando a seqüência dos fatos, o encadeiamento lógico dos acontecimentos. Daí, as falhas – nomes, datas, cargos – inevitáveis então, que procuro corrigir, daquele meu trabalho anterior. No mais, os fatos ocorreram narrei. O leitor, se por acaso leu minha História do Liceu Alagoano, complete agora,a tarefa, com a leitura destas achegas, e faça-me justiça num ponto enxergue nisso meu interêsse, meu desejo de deixar um

assunto desvendado. Já o havia dado por encerrado, após a publicação de minha História do Liceu Alagoano. Volto a ele, pois seria absurdo diante de tão importantes dados, ficar indiferente; e impossível, também, ao historiador anuir com o silêncio.

E, por coincidência, promove-se a publicação deste novo, no Centenário do restabelecimento do Liceu Alagoano pela Resolução n. 395, de 16 de novembro de 1863, operado na administração do Dr. João Marcelino de Souza Gonzaga (reiniciando-se as aulas a 1º de fevereiro do ano seguinte). Exatamente, completa o Liceu, neste ano de 1963, um século de vista ininterrupto, vale dizer, cem anos de benemerência e utilidade. Sobre a memória daquêle governante, que o restaurou, com tanta visão prospectiva, e no esplendor da hora presente do Liceu, denominado Colégio Estadual de Alagoas, é justíssimo que recaia a gratidão dos pósteros, como já os fês quanto à de seu criador, o inesquecível Cel. Antônio Nunes de Aguiar.

Ao final, quero – e devo mesmo – advertir ao leitor que esta, como a anterior, é uma obra apenas informativa, sem intuitos outros que fixar aspectos, reconstruindo-a, da vida de uma casa de ensaio tão grata aos alagoanos, sem as pretensões literárias impossíveis de um Joyces quando, no seu Ulysses, retratou a cidade de Dublin para sempre.

Maceió, 1963

ABELARDO DUARTE.

O PRIMEIRO DIRETOR DO LICEU

O período de funcionamento do *Liceu Alagoano* que medeia entre 1849 e 1853 – o seu período de início – tornou-se o mais nebuloso para o pesquisador atual de sua história. Mesmo assim e ante, ainda, sérios estorvos, não desanimei da tarefa, a que me impusera, de escrever-lhe a história que bem ou mal executei. Desde a data do Centenário do Liceu, em 1949, com frases de maior ou menor entusiasmo, vim e venho anotando tudo o que lhe diz respeito e me caia sob as vistas. Naturalmente a fonte mais indicada seria no caso, o arquivo do próprio Liceu. E o caminho mais fácil. Com o pesar, verifiquei que, no terreno de documentos, ali nada existia que procedesse daquela época. Não dispõe, em verdade, o Liceu, de documentação coeva de sua criação. Recorri, então, a outras fontes. Diversas fontes. Dados colhidos no Relatório do advogado José Correia da Silva Titara[1], famoso relatório aliás, como famoso seu autor, e no trabalho "O ensino público em Alagoas...", de autoria de Wenceslau de Almeida[2], e em outros mais levaram-me a atribuir ao Dr. José Próspero Jeová da Silva Caroatá a ocupação do cargo de primeiro diretor do Liceu, lapso que agora corrijo, em primeira mão, já

---

[1] TITARA, José Correia da Silva, Relatório da instrução pública e particular, anexo à Falla dirigida à Assembléia Legislativa Provincial das Alagoas na abertura da sessão ordinária do anno de 18--, pelo... presidente... Dr. Antônio Coelho de Sá e Albuquerque, Recife, Typ de Santos & Cia, ---.

[2] ALMEIDA, Wenceslau de, O ensino público em Alagoas. Ligeiras notas para uma memória histórica. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 14 set, 1917 (sob a assinatura W. de Almeida).

havendo dado ciência disto ao nosso Instituto Histórico.

O historiador – de erudição e inclinação – Wenceslau de Almeida, que sempre foi muito firme e escrupuloso nas suas citações de fatos e datas da história alagoana, escreveu naquele trabalho, acima citado, o seguinte de referencia ao nosso Liceu: "Essas cadeiras (refere-se às chamadas *aulas maiores*) e as de Gramática Nacional, Inglês e Geografia, criadas pela Lei n. 106, de 5 de maio de 1849, passaram a constituir o curso do Liceu, instituído pelo mesmo ato legislativo. A esse tempo, achavam-se, entre as primeiras, devidamente providas as cadeiras de Latim em Iago Francisco Pinheiro que proximadamente permutara com o professor de Alagoas, padre Satírio José Barbosa; Francês, lecionado por José Severiano de Melo e Geometria por Francisco Ellias Pereira, que faleceu no mesmo ano. Procedido o concurso, obtiveram nomeação vitalícia de professores: de Gramática Nacional, dr. Francisco José da Silva Pôrto; de Geografia, dr. Roberto Calheiros de Melo, pouco tempo depois substituído pelo dr. José Próspero Jeová da Silva Caroatá (diretor do Liceu), e ainda pelo dr. Alexandrino Dias de Moura; de Retórica, Inácio Hipólito Gracindo; de Filosofia, Inácio Pereira do Carmo, pouco depois substituído pelo dr. José Antônio Bahia da Cunha". A menção feita pelo historiógrafo Wenceslau de Almeida do nome do dr. Caroatá, seguido do cargo de "diretor do Liceu", por este ocupado, veio então confirmar minha suspeita de que fora o ilustre penedense o primeiro diretor da Casa, suspeita que encontrava, ainda, apôio de certo modo no

já mencionado relatório do advogado Titara, e em vagas citações em Falas provinciais. Wenceslau de Almeida fez pesquisas sérias, para seus estudos, em cartórios, arquivos e, possivelmente, consultou o acervo que pertence hoje ao *Arquivo Público de Alagoas*. Não citou o nome do primeiro ocupante da cadeira de Filosofia, então designada Filosofia Racional e Moral, que seria o mesmo Inácio Hipólito Gracindo e deixou de citar o primeiro titular de Retórica e Poética.

Diga-se se passagem que o acervo do atual *Arquivo Público de Alagoas*, que jazia em complexo abandono, nos porões do Palácio do Govêrno, servindo de pasto às traças, em ambiente irrespirável, de bafio, era praticamente inabordável. Fiz, em meu trabalho sobre o Liceu[3], uma ressalva a esse respeito e que me redime de falhas e equívocos, agora retificados (alguns). Abro aqui um parêntesis para afirmar, sem favor, que o A.P.A. constitui, hoje, com a estruturação e direção que inicialmente recebeu, uma das mais úteis repartições do Estado. Ninguém se arrisque a escrever sobre história alagoana, notadamente no que se refere à parte administrativa, sem consulta prévia às preciosas fontes do A.P.A., pois pode pisar em falso. E' uma advertência.

Pois, o filão que eu suspeitara existir, *in nature*, nos porões do Palácio e, em várias tentativas, buscara cansativamente noutras fontes, ali estava mesmo à flor da pele, e viria projetar luz sobre o nebuloso período de que falo inicialmente. A verdade é que, ao escrever a

---

[3] DUARTE, Abelardo. História do Liceu Alagoano. Maceió, Imprensa Oficial, 1961, p. 32.

História do Liceu Alagoano, não me sentira plenamente seguro em certos dados colhidos e em frente disto, admitira mesmo a possibilidade de falhas, como fiz na advertência "Ao Leitor". (p. 5). Venho retificar e refundir – e continuarei a fazê-lo sempre que fôr o caso – alguma coisa do que escrevi, à luz de nova documentação (que na realidade é velha de mais de um século) obtida nas minhas atuais pesquisas, no *Arquivo Público de Alagoas*. Faço-o honestamente dentro da norma que me tracei: sempre que encontrar documentação idônea em contrário, corrigirei as falhas. A documentação é irretorquível no caso histórico. Começo, pois, pelo... comêço.

O primeiro lapso a corrigir é o que se prende ao nome do primeiro Diretor do Liceu. Verifico que não foi o dr. José Próspero Jeová da Silva Caroatá o Diretor do Liceu na primeira investidura do cargo, como afirmei em 1949[4] [5] e repeti em 1961[6], baseado noutras fontes; só mais tarde é que ele viria ocupar esse cargo, como mostrarei adiante. Em nenhuma *Fala* de presidente da Província havia encontrado siquer referencia ao nome que a documentação do *Arquivo Público de Alagoas* insere como a do seu primeiro Diretor; nome para mim desconhecido no que se prende ao Liceu. No entanto, – prova-o o documentário (farto, aliás) existente no A.P.A. Criado o Liceu pela Lei n. 106, de 5 de maio de 1849, a 9 do mesmo mês

---

[4] DUARTE, Abelardo. **Oração do centenário do Liceu**, separata da **Revista do Ensino**, Maceió, Casa Ramalho Editôra, v. I, n. 1, 1952.

[5] _____ Notas para a História do Liceu Alagoano (na passagem do seu centenário). **Revista do Instituto Histórico de Alagoas**. Maceió, Imprensa Oficial, v. XXVI, Anos 1948/50 (1952).

[6] _____ **História do Liceu Alagoano**, cit.

foi logo nomeado o seu primeiro Diretor, o Dr. Fernando Affonso de Mello. A mesma portaria provincial nomeou-o, também, professor da cadeira de Retórica e Poética do citado estabelecimento de ensino[7].

Fies, destarte, retificado que não foi o Dr. Caroatá, porém o Dr. Fernando Affonso de Mello o primeiro Diretor do Liceu. Com ele foram nomeados, também, professor da cadeira de Gramática Nacional e Análise dos Clássicos Portugueses, o Dr. Francisco José da Silva Pôrto e professor da cadeira de Filosofia Racional e Moral, Inácio Hipólito Gracindo. Para o lugar de Secretário do Liceu a citada portaria nomeou o Dr. Francisco José da Silva Pôrto. Outra portaria, da mesma data de 9, nomeou contínuo, servindo de porteiro, Antônio da Silva Machado. São todos dados extraídos do documentário pertencente no A.P.A. Estava o nome do Dr. Fernando Affonso de Mello sepultado nos documentos do nosso Arquivo.

E, por um triz, – tivesse o Livro de onde retirei estes informes, servindo de alimento às traças e ao bolor – o lapso consumaria para sempre a afirmativa anterior, cuja correção levo a efeito. E o nome do Dr. Fernando Affonso de Mello emerge, assim, do passado, coberto da caligem do tempo, para ocupar o seu lugar na história do querido estabelecimento de ensino.

---

[7] LIVRO da correspondência dirigida às Câmeras Municipais e mais autoridades avulsas da Provincia. 1848-1851, --- do Arquivo Público de Alagoas (A.P.A.).

ABERTURA DO LICEU E INICIO DAS AULAS

Outra corrigenda se impõe. Nunes de Aguiar foi, ao contrário do que escreveu Tomaz do Bomfim Espíndola, em quem me apoiei, para a afirmativa que fiz, na minha *História do Liceu Alagoano*, o iniciador das aulas do Liceu. Elas tiveram, efetivamente, na administração do Dr. José Bento da Cunha Figueiredo, seu sucessor no governo, o seu pleno funcionamento. Porém, o inicio delas se verificou, mesmo, estando ainda no governo, o Cel. Antônio Nunes de Aguiar. Retifico assim minha citada afirmativa anterior contida no capítulo II da minha aludida obra. Tomaz do Bomfim Espíndola escreveu, no seu livro, citando as principais realizações do govêrno do Dr. José Bento da Cunha Figueiredo: – "Inaugurou-se o liceu da capital"[8]. Ora, inaugurar no bom sentido léxico é iniciar o funcionamento de alguma coisa; daí, não dispondo então, de fonte original, haver incorrido eu nesse lapso, que corrijo, como se deve anotá-lo, ainda, na inestimável obra daquê-le geógrafo e historiador.

O convite, a seguir transcrito, esclarece o fato; é outro documento existente no A.P.A. , através do qual se fica sabendo da data exata da abertura do Liceu, inclusive da hora da solenidade. Dir-se-ía o registro civil do Liceu Alagoano. Ei-lo:

---

[8] ESPÍNDOLA, Tomaz do Bomfim. **Geografia alagoana ou descrição física, política e histórica da Província das Alagoas**, 2ª Ed. Maceió, Tip. do Liberal, 1871.

> "Ilmo. Sr.
>
> Tendo designado e Exm. Presidente da Provincia o dia 1º de Julho próximo vindouro para a abertura do Liceu desta Cidade, assim o comunico a V. Sai, para comparecer a esse ato, que terá lugar às 11 horas do referido dia no Prédio Nacional da rua da Matriz, donde saiu a Secretaria da Policia.
>
> Deus guarde a V. Sai. Por muitos anos.
>
> Maceió, 25 de Junho de 1849.
>
> O Diretor,
> *Fernando*
> *Affonso de Mello*.
>
> Ilm. Sr. Dr.
> José Alexandrino Dias de Moura
> Professor de Inglês do Liceu".

O convite-circular teria sido dirigido a todos os professores da Casa.

Embora não concluídas as obras de adaptação do prédio citado, a inauguração ocorreu naquele dia, 1º de julho de 1849, governando ainda a Província o Cel. Antônio Nunes de Aguiar. Através do ofício do Diretor do Liceu, Dr. Fernando Affonso de Mello, datado de 6 de julho de 1849 e dirigido ao Presidente Nunes de Aguiar, temos a confirmação do fato, quando diz que

“por causa de não estarem prontas todas as salas do Edifício para ele destinado, permiti que os antigos professores continuassem a dar lições em suas casas, como de antes o faziam, sendo que eu e o Dr. Francisco José da Silva Pôrto, Professor de Gramática Nacional, as temos dado desde o dia 2 do mês corrente na sala, em que teve lugar *o ato da abertura do mesmo Liceu*, (o grifo é meu) por se achar pronta; e logo que o estejam as demais, e cheguem os Professores de Latim, Filosofia, Geografia e História, que ainda farão conduzir suas famílias, terão lugar *regularmente* no Liceu (o grifo é meu) lições de todas as cadeiras, como exige V. Excia.”

Os “antigos professores”, a que alude o oficio, eram os das aulas maiores existentes não só na cidade das Alagoas como em Maceió, as quais na criação do Liceu passaram a constituir, como as novas, o currículo deste. As das Alagoas foram transferidas (algumas) para o Liceu, e restauradas outras. As “aulas maiores” criadas pela Resolução de 1831 achavam-se, em 1849, assim providas: cadeira de Latim, Iago Francisco Pinheiro; Francês, José Severiano de Melo; Geometria, Francisco Elias Pereira.

NOVOS LOUROS

Se a Nunes de Aguiar cabiam indubitavelmente ate glórias da criação do velho Liceu, os dados que agora obtive, não de molde a bastante porquanto se verifica o enorme empenho daquelle administrador em fazer mesmo precariamente, como se deu a 1º de julho de 1849. Em officios dirigidos ao Diretor do Liceu, que Dr. Fernando Affonso de Mello, e reiterara as medidas foram desde as de nomeaçãoconserto e adaptação do prédio ou próprio do largo da Matriz, até o material escolar. O Oficio, abaixo transcrito, na integra, diz bem do empenho dispendido:

> "Cumpre que V. M. entre já no exercício do lugar de Diretor do Liceu desta Cidade, para que foi nomeado, e dê todas as providências que estiverem a seu alcance para que seja montado êste estabelecimento no primeiro de Julho próximo seguinte, devendo chamar quanto antes o Secretário e o Porteiro respectivos afim de coadjuvarem a V. M. , achando-se nomeados para o primeiro dêsses emprêgos o Dr. Francisco José da Silva Pôrto. Por esta ocasião lhe comunico que a casa destinada para o mesmo estabelecimento é o Prédio Nacional da rua da Matriz,

> donde saiu a Secretaria da Polícia, e nesta data ordeno à Tesouraria Provincial que mande fazer as despesas precisas com os reparos do dito prédio de maneira a servir para o fim determinado, e V. M. me enviará quanto antes o pedido dos utensílios necessários.
>
> Deus guarde a V. M. Palácio do Govêrno em Maceió, 4 de junho de 1849.
>
> *Antônio Nunes de Aguiar*".

A linguagem de Nunes de Aguiar, bem significativa, era a do militar habituado à disciplina da caserna, enrijado no cumprimento do dever. Dava ordens para serem cumpridas. Efetivamente, foram na sua administração iniciadas as obras do prédio, das quais se encarregou o engenheiro José Carlos de Carvalho; e as aulas também. Fato estranho é que Tomaz Espíndola, contemporâneo da criação do Liceu, escrevesse, como o fêz, na sua *Geografia Alagoana*[9], dando a inauguração do Liceu entre as realizações da administração do Dr. José Bento da Cunha Figueiredo; e dando assim, também, margem a que se repetisse o que afirmou, quando em face de documentos oficiais se chega à evidência do contrário – não fôra o Dr. José Bento da Cunha Figueiredo o inaugurador do Liceu, mas mesmo o Cel. Antônio Nunes de Aguiar, que o criou e deu inicio às aulas, com a inauguração oficial

[9] ESPÍNDOLA, Tomaz do Bomfim, ob. Cit, p.293.

delas em 1º de julho de 1849, fato comprovado com a documentação agora por mim compulsada e existente, como disse, no A.P.A.

Prevendo ou não a sua pouca permanência no govêrno, o que é fato é que Nunes de Aguiar se esforçou o mais que pôde para inaugurar o Liceu. Em 20 de junho oficiou ao Dr. Fernando Affonso de Mello insistindo para que – como escreveu – "tenha lugar impreterivelmente no dia 1º de julho próximo seguinte a abertura do Liceu". E, a 27 de junho ainda, enviou nôvo ofício ao Diretor, ordenando-lhe receber e conduzir para o Liceu, à praça da Matriz, os globos e mapas geográficos existentes na Secretaria da Província. Assim, procurava não deixar escapar nada – atento como se mantinha.

As aulas começaram, da maneira descrita, a 1º de julho de 1849. A 4 dêsse mês, a pedido do Diretor Fernando Affonso de Mello, mandou apresentar-se o sargento da Companhia de Polícia João da Silva Rêgo para auxiliar os trabalhos da secretaria, então a cargo do Dr. Francisco José da Silva Pôrto.

Em 27 de agosto de 1850, o Dr. Fernando Affonso de Mello, Diretor do Liceu, assinou, como tal, uma ata de exame constante do livro Actas de exames, pertencente ao acervo do Arquivo Público de Alagoas[10].

---

[10] ACTAS de exames. ---

CORPO DOCENTE DO PERÍODO DE INICIO

Em ofício de 4 de junho de 1849, o Diretor do Liceu, Dr. Fernando Affonso de Mello, enviou ao Presidente Nunes de Aguiar "a relação dos professores que têm de servir no Liceu desta Cidade".

Estava organizada, dêste modo, a citada relação:

Cadeiras	*Nome dos professores*
Gramática Nacional e Análise dos Clássicos Portugueses	Dr. Francisco José da Silva Pôrto
Gramática Latina	Iago Fransciso Pinheiro
Gramática Francesa	José Severiano de Mello
Gramática Inglesa	Dr. José Alexandrino Dias de Moura
Aritmética, Álgebra e Geometria	Francisco Elias Pereira
Geografia, Cronologia e História	Dr. Roberto Calheiros de Mello
Filosofia Racional e Moral	Ignácio Hipólito Gracindo

Com isto, restabelece-se verdadeiramente a situação do professorado no ano de 1849.

As oito cadeiras do Liceu ficaram assim preenchidas. Nas minhas notas primitivas, havia a informação de que a cadeira de Gramática Francesa teria sido ocupada, inicialmente, pelo Dr. José Sezinando Avelino Pinho, embora na *História do Liceu Alagoano* (p. 180) me refira ao professor José Severiano de Mello como já exercendo a cadeira avulsa de Gramática Francesa ao ser criado o Liceu. Do mesmo modo, faço referencia ao professor Francisco Elias Pereira. Quanto às cadeiras de Retórica e Poética e à de Filosofia Racional e Moral, não foi mencionado o nome do Dr. Fernando Affonso de Mello, primeiro ocupante daquela, e dado em seu lugar o nome de Ignácio Hipólito Gracindo, quando êste ocupou, na verdade, a cadeira de Filosofia Racional e Moral. Fica, com o documento coevo, restabelecida a verdadeira "relação" dos professores que lecionaram na fase inicial do Liceu. Os Drs. Roberto Calheiros de Mello e José Alexandrino Dias de Moura só foram nomeados em 14 de maio de 1849. A troca de cadeiras entre o padre Satírio José Barbosa, de Maceió para a velha cidade das Alagoas e Iago Francisco Pinheiro, dessa para o Liceu, de Maceió, ocorreu por ato de 11 do mesmo mês e ano. Uma portaria de 10 de junho de 1849, manda continuar no mesmo exercício o lente jubilado Francisco Elias Pereira, vencendo além da gratificação marcada no art. 4, da lei n. 10, de 5 de maio de 1849, a metade do respectivo ordenado na forma da lei provincial n. 12, de 6 de abril de 1843, art. 18.

AS SUBSTITUIÇÕES INTERINAS

Estabelecimento recém-nascido e ainda nos cueiros, o Liceu experimentou as constantes substituições que se verificaram no seu pequeno quadro inicial de professores, não deixando tal fato de acarretar, de algum modo, inconvenientes para a boa marcha dos estudos, como é fácil de imaginar.

Em 3 de fevereiro de 1850, o Presidente Dr. José Bento da Cunha Figueiredo era cientificado pelo Diretor do Liceu, Dr. Fernando Affonso de Mello, de que se achavam "impedidos" os professores da cadeira de Geometria e de Gramática Francesa, o primeiro por moléstia, e o segundo "por achar-se pronunciado e preso na cadeia desta cidade". Em verdade, bem doente e em idade avançada, o professor Francisco Elias Pereira, que regia a cadeira de Geometria, faleceu no dia 25 daquêle mês e ano, nesta cidade[11]. O professor que estava pronunciado e prêso chamava-se José Severiano de Mello; era antigo regente da cadeira avulsa de Francês da cidade das Alagoas[12]. O antigo *Jornal das Alagoas*, editado em Maceió, no exemplar de 24 de novembro de 1874, faz uma referencia ao nome do José Severiano de Mello como havendo participado da Guerra do Paraguai.

Para substituição dos dois aludidos professores, foram propostos os nomes dos Drs. José Alexandrino Dias de Moura para Francês, e Roberto Calheiros de

---

[11] Vitimado pela febre amarela segundo Tomaz Espíndola, em sua **Geografia alagoana**, cit.

[12] À p. 180, de minha **História do Liceu Alagoano**, faço referencia ao nome do professor José Severiano de Mello.

Mello para Geometria. Em 6 de abril, era designado o Dr. Francisco José da Silva Pôrto, para substituir o professor de Filosofia, Ignácio Hipólito Gracindo.

Em 30 do mesmo mês e ano, o Diretor do Liceu, Dr. Fernando Affonso de Mello, alarmou-se de veras com a situação criada com a vacância de cadeiras. Tendo de tornar assento na Assembléia Legislativa Provincial (8ª. Legislatura para o biênio 1850/51) os professores do Liceu Iago Francisco Pinheiro, Ignácio Hipólito Gracindo, Dr. Francisco José da Silva Pôrto e Dr. Roberto Calheiros de Mello; e achando-se ainda prêso o professor José Severiano de Mello e ausente o Dr. Bernardo Pereira do Carmo Júnior, indicado para a de Geometria, vaga com a morte de Francisco Elias Pereira (este também eleito deputado e falecido antes da abertura da Assembléia) – restava, apenas, o professor de Inglês, Dr. José Alexandrino Dias de Moura, que por sua vez já substituía o de Gramática Francesa! Situação positivamente curiosa. Seis professores estavam, de uma vez só, impedidos de reger suas cadeiras.

Surgiram então as substituições interinas em 4 de maio de 1850: o 1º tenente engenheiro José Carlos de Carvalho, (recorde-se que ele foi o autor das reformas do prédio do Liceu, na Praça da Matriz); Dr. José Sezinando Avelino Pinho, para a de Filosofia; José Casado Lima, para Gramática Nacional; Dr. Antônio Ribeiro de Moura, para Gramática Latina. O Dr. Bernardo Pereira do Carmo Júnior sòmente em 30 de julho de 1850 regressou a Maceió. Por não ter assumido o Dr. Antônio Ribeiro de Moura, foi em 11 de maio nomeado, interinamente, o padre Francisco

Assis Ribeiro para a cadeira de Gramática Latina. Em 3 de julho de 1850, o professor José Carlos de Carvalho, 1º tenente do Imperial Côrpo de Engenheiros, exonerou-se da cadeira que interinamente regia, por ter de seguir para o Rio de Janeiro. Novas modificações apareciam. Achando-se com assento na Assembléia o secretário, foi designado o professor interino de Gramática Latina, Dr. José Antônio Bahia da Cunha, para substituir o Dr. Fernando Affonso de Mello na cadeira de Lógica, durante o seu impedimento. Essas seguidas e numerosas substituições – quase diria improvisações – de professores só poderiam acarretar inconvenientes, perturbando a marcha do ensino, a disciplina da Casa e criando, para o Liceu, que ainda não se firmara de vez nas pernas, uma aura de desconfiança quanto ao rendimento escolar. No que tange propriamente à disciplina escolar, foram mais graves, debilitando – a cada vez mais, e concorrendo para implantação de um estado de coisas que se agravaria mais adiante.

A "experiência" de Nunes de Aguiar no sentido de dar à educação da juventude na nossa terra bases novas veio a ser prejudicada por êsse imprevisto acontecimento.

Dirigindo-se em ofício de 8 de agosto de 1859, ao Presidente da Província, Dr. Agostinho Lopes Gama, salienta o advogado Titara a dificuldade de encontrar professor idôneo para as substituições nos impedimentos eventuais, sendo maior ainda essa dificuldade no caso da cadeira de Gramática Latina. Entre os inconvenientes das substituições aponta que "sobreleva o da falta de consideração e respeito

devidos pelos estudantes às pessoas que assim substituem o professor catedrático, sendo necessária a autoridade do Diretor até para restabelecer a ordem". Era já o império da indisciplina.

Nessa ocasião, silva Titara propôs o nome do padre Manoel Amâncio das Dores Chaves para reger a cadeira avulsa da vila de Atalaia, cadeira que, no dizer de Titara, era uma verdadeira "sine cura", pois não havia quase alunos. A remoção não agradou ao sacerdote que representou ao governo da Província embora se visse forçado, diante da prepotência do diretor,a vir assumir o novo encargo em Maceió. A cadeira de Gramática Latina era a mais freqüentada no Liceu, chegando a possuir a aula trinta alunos.

Por morte do Dr. Francisco José da Silva Pôrto a cadeira de Gramática Nacional foi em 19 de julho de 1859 considerada vaga. Em 18 de fevereiro de 1859, para a referida cadeira já havia sido nomeado, interinamente, José Francisco Soares, só assumindo este o exercício em 23 de abril. Diretor da repartição dos Correios, José Francisco soares não dispunha de tempo suficiente para atender os dois empregos, surgindo daí uma série de atritos entre ele e o Diretor do Liceu, o advogado Titara, sempre atento ao cumprimento do dever e forrado de um espírito de disciplina e franqueza admiráveis, raiando às vezes pela absurdidade. Não contemporizava com os faltosos. Quem professorasse uma cadeira tinha de defrontar-se com a sua fiscalização. Afastado o professor José Francisco Soares, veio substituí-lo, em 1859, o gramático José Alexandre Passos. Na minha *História do Liceu Alagoano*, (p.41 e seg.) abordo o caso do

professor José Francisco Soares *versus* José Alexandre Passos. Dispenso-me assim de outros quaisquer comentários.

Outro nome para mim desconhecido, foi o do professor Rafael Arcanjo de moura Matos, nomeado, em 6 de junho de 1860, para reger, interinamente, a cadeira de Geografia e História. Veio em substituição do Dr. José Próspero Jeová da Silva Caroatá, contra o qual se instaurou um processo administrativo, que o envolvia em acontecimento escandaloso, muito prejudicial à sua carreira de mestre com larga fôlha de serviço, sendo ainda vulto de relêvo nas letras jurídicas e históricas.

O PRIMEIRO RELATÓRIO DE TITARA

O advogado José Correia da Silva Titara foi nomeado por portaria de 30 de agôsto e empossado no cargo de Diretor da Instrução Pública em 27 de setembro de 1853, sendo o primeiro que ocupou eumulativamente o cargo de Diretor do Liceu Alagoano.

Em 31 de outubro de 1853 êle enviou ao Presidente Dr. José Antônio Saraiva o primeiro relatório acêrca do Liceu. E' uma exposição honesta e fiel, afirmara êle, da situação em que encontrava o Liceu, na qual emitira ainda uma opinião pessoal sôbre cada um dos lentes do educandário, embora com isso pudesse acarretar – adiantara ele – com a animosidade de alguns. Não fora um julgamento apressado; pois para tanto observou durante cêrca de trinta dias como as coisas se passavam. Ao ver dele, os professores eram competentes e cumpriam com as obrigações. As exceções foram poucas: duas apenas. Informou que o professor de Filosofia, Ignácio Hipólito Gracindo havia falecido no dia 2 de outubro daquêle ano na vila de Assembléia e que o Dr. Bernardo Pereira do Carmo pedira e obtivera demissão no comêço de mês de abril de 1853. Fez tremenda carga contra o professor Felinto Elísio da Costa Cutrim, "quer acêrca dos seus descuidos quer mesmo de suas habilitações". E a respeito do professor José Próspero Jeová da Silva Caroatá escreveu: "é sabido que se acha ele no Rio de Janeiro, estando pronunciado pelo Juiz de Direito desta Comarca por crime de responsabilidade perpetuado na

qualidade de Diretor do Liceu, de que hoje por Lei está exonerado".

O advogado José Correia da Silva Titara conservou-se no cargo de Diretor da Instrução Pública (e cumulativamente do Liceu) até 4 de julho de 1864, quando foi aposentado. Durante esse tempo, algumas vezes o substituiu o Vice-Diretor, Dr. Manoel Lourenço da Silveira (nomeado em 1º de setembro de 1853). Titara constitui-se, pelo sentido de austeridade e cumprimento da lei que imprimiu à sua administração, um elemento muito útil e um verdadeiro espantalho para os professores primários e secundários relapsos. A figura de Titara merece um estudo à parte, mesmo porque seus atos não foram, na época, julgados todos imunes de crítica. Pelo contrário, recebeu o ferrenho administrador sérias contraditas. Daí, sem um detido exame de suas assertivas, de uma revisão serena de suas acusações e de uma desapaixonada análise de suas opiniões sobre os homens de seu tempo, ser perigoso homologá-las. E ser ainda necessário mesmo analisar a sua situação no meio comunitário, pois não se tratava de um administrador, apenas, mas de um político militante também. Todavia, mesmo à distância do tempo, não é difícil enxergar nêle um tipo temperamental de características que não enganam e se traduzem ou se positivam, nas suas ações no âmbito administrativo. O caso do padre Amâncio das Dôres Chaves reflete bem esse *shunt* temperamental.

Porém, o Relatório de Titara não é uma peça inteiriça. Se Titara possuía os defeitos próprios dos temperamentos violentos, tinha outro maior: boquirroto e até leviano. O Relatório, apesar disso, compendia os

resultados das observações a que se entregou com desejo de servir à coisa pública. Criticou colegas: fêz-lhes restrições até ao preparo intelectual (no caso de Felinto Elísio). Seria, na realidade, justo nas suas diatribes e acusações? Ou concentraria em si o poder e a vontade que manteve por tantos anos nas mãos, no setor do ensino popular primário e secundário? A dúvida persiste. Mesmo porque, Titara não apontou soluções verdadeiras, parecendo haver exercido, com mentalidade tacanhamente policial, a política de combate ao absenteísmo sem criar condições novas e mais largos horizontes na estruturação dêle. Manteve o professorado sob o guante do "ponto", fiel à execução dessa medida, o que por si só não constrói, caso não se lhe abram as condições propícias ao ensino, desde as de remuneração condigna às de elevação moral e cultural. E' de justiça, porém, acentuar que no Império a remuneração do professorado do Liceu foi equiaparada à dos magistrados.

OS OUTROS DIRETORES EFETIVOS

A sucessão não ocorreu, em linha reta, pelo visto, entre diretores efetivos.

Mais uma vez ressalto que não seria possível, sem a documentação existente no *Arquivo Público de Alagoas*, reconstituir, com absoluta fidelidade e segurança, como o faço agora, com documentos à mão, a vida inicial do Liceu no que tange à parte administrativa. As *Falas* provinciais – já o disse alhures – quando aludem ao Diretor do estabelecimento, não lhe citam o nome. A corrigenda a fazer no caso, é a seguinte: o Dr. José Próspero Jeová da Silva Caroatá, que havia sido nomeado, por portaria de 4 de junho de 1851, professor interino da cadeira de Geografia, Cronologia e História do Liceu[13], só a 9 de julho do ano seguinte – 1852 – foi nomeado Diretor do Liceu[14]. Foi, pois, o segundo e não o primeiro Diretor efetivo, pois interinamente outros professores, como mostrei, ocuparam o cargo durante impedimentos vários do primeiro titular efetivo, o Dr. Fernando Affonso de Mello.

A portaria que o nomeou, está redigida deste modo:

---

[13] LIVRO da correspondência dirigida às Câmaras Municipais e mais autoridades avulsas da Província. 1851-1853, Liv. 207, est. 20. F. 14. do A.P.A

[14] IDEM, Idem, f. 81.

> "Portaria nomeando o Diretor do Liceu.
>
> O Vice-Presidente da Província na conformidade do art. 6º da Lei Provincial n. 105, de 5 de maio de 1849, nomeia para Diretor do Liceu desta Cidade o Professor de Geografia e História do mesmo, Dr. José Próspero Jeová da Silva Caroatá. Palácio do Govêrno, em Maceió, 9 de julho de 1852. *Manoel Sobral Pinto*[15]".

O bacharel Manoel Sobral Pinto era o 1º Vice-Presidente da Província e esteve no exercício mais de uma vez, motivado pelo impedimento do Presidente Dr. José Bento da Cunha Figueiredo que fora à Côrte como Deputado Geral.

A ordem, cronològicamente falando, é esta: Dr. Fernando Affonso de Mello (efetivo, 9 mai. 1849); Dr. Francisco José da Silva Pôrto (interino, out. e Nov. 1850); Dr. Fernando Affonso de Mello (efetivo, dez. 1850 a jun. 1851); Dr. José Alexandrino Dias de Moura (int., 23 jun. a 2 set. 1851); Iago Francisco Pinheiro (int., 3 set. a dez. 1851); Dr. Fernando Affonso de Mello (efet., jan a 22 mar. 1852); Iago Francisco Pinheiro (int., 23 mar. a 25 mai. 1852); Dr. José Alexandrino Dias de Moura (int., 26 mai. a 9 jul. 1852); Dr. José Próspero Jeová da Silva Caroatá (efet., 12 jul. 1852 a agô. 1853); Iago Francisco Pinheiro (int.,

---

[15] IDEM, Idem.

5 agô. 1852); Ignácio Joaquim Passos Júnior (int., 30 mai. 1853); Iago Francisco Pinheiro (int. 1º ago. 1853); Manoel Lourenço da Silveira (int., Vice-Diretor da Instrução Pública, nomeado a 1º set. 1853); Dr. José Correia da Silva Titara (efet., nomeado a 30 agô., mas empossado a 27 set. 1853). Foi o terceiro Diretor efetivo do Liceu, e nos seus impedimentos foi, mais de uma vez, substituído pelo Dr. Manoel Lourenço da Silveira.

O advogado Titara aposentou-se em data de 4 de julho de 1864.

O Dr. Fernando Affonso de Mello voltou a ocupar, segundo se depreende de um ofício do Presidente da Província das Alagoas, Dr. Manoel Sobral Pinto ao Inspetor interino da Tesouraria Provincial, o lugar de Procurador Fiscal[16].

---

[16] LIVRO de registro de ofícios e portarias dirigidos à Tesouraria Provincial. 1852-1854, Liv. 213, est. 20, f. 108, do A.P.A. O ofício é datado de 23 de julho de 1853.

DIRETORES INTERINOS

Em 7 de outubro de 1850, pela primeira vez, o Diretor do Liceu, Dr. Fernando Affonso de Mello entra em gôzo de dois meses de licença, afastando-se do cargo e assumindo este, então, o Dr. Francisco José da Silva Pôrto, que ocupava a Secretaria da Casa. Em dezembro do mesmo ano, já estava o Dr. Fernando Affonso de Melo à frente das suas fundações, dirigindo o estabelecimento até 20 de junho de 1851. A 23 dêsse mês e ano, por ter éle seguido de licença por três mezes para a Bahia, a tratamento de saúde, assumiu interinamente a Diretoria do Liceu o Dr. José Alexandrino Dias de Moura. Foi a segunda substituição. Em 3 de setembro de 1851, passou a dirigir o Liceu, como Diretor interino, o professor Iago Francisco Pinheiro, estando ausente ainda o titular efetivo. De volta a Maceió, o Dr. Fernando Affonso de Mello reassumiu as funções do seu cargo, já a 8 de janeiro de 1852 assinando atos. Possuía, ao que parece, saúde precária, pois, posteriormente dirigindo ao Presidente Dr. José Bento da Cunha Figueiredo o seu pedido de exoneração, alegava justamente essa condição, nos termos do ofício que passo a transcrever na íntegra:

> "Ilm. E Exm. Sr.
>
> Achando-me doente, e impossibilitado de poder continuar no exercício dos meus empregos

de Professor de Retórica e Diretor do Liceu, assim comunico a V. Excia., assim como que isso não obstante, fico permanecendo no exercício do lugar de Procurador Fiscal da Fazenda, visto poder ser feito em casa éste trabalho e não ter de comparecer à sessão da Tesouraria senão uma vez por semana.

Deus guarde a V. Excia. por muitos anos.

Maceió, 22 de Março de 1852.

Fernando Affonso de Mello

Ao Exmo. Sr. Conselheiro Dr.
José Bento da Cunha Figueiredo”

A palavra “sessão” está grafada deste modo, no ofício; e não parece que se refira a reunião.

No dia seguinte, 23 de março de 1852, o professor Iago Francisco Pinheiro voltava a substituir, interinamente, o primeiro Diretor efetivo do Liceu, até o provimento do cargo por titular efetivo.

OS COMPÊNDIOS ADOTADOS EM 1849

Na minha *História do Liceu Alagoano*, (p. 188) dou os nomes dos compêndios e seus autores, adotados em 1860 por diante; a relação que agora apresento refere-se aos adotados na fase de inicio.

Em ofício n. 31, de 3 de novembro de 1849, o Diretor do Liceu, o Dr. Fernando Affonso de Mello, enviou ao Presidente da Província das Alagoas, o Dr. José Bento da Cunha Figueiredo, a "relação" dos livros adotados para as diferentes aulas aprovados pela Congregação do Liceu no dia 1º de outubro do mesmo ano, a fim de serem definitivamente aprovados na forma do paragrafo 6º do art. 9, da Lei n. 106, de 5 de maio de 1849.

Reproduzo, na sua forma original, a citada relação de 1849:

"Compendios interinamente adoptados pela Congregação para se explicarem as diferentes Materias que se ensinão no Lycêo desta Cidade.

Grammatica Nacional e Analyse dos Classicos Portugueses.

O Resumo da Grammatica de Jeronymo Soares Barbosa,

A vida de D. João de Castro, por Jacinto Freire,

Os Luziadas de Camões.

Grammatica Latina

O Compendio do Pe. Antônio Pereira,
A Grammatica de José Vicente de Moura,
A Historia Sagrada,
Cornello
As Fabulas de Phedro,
Salustio,
Virgilio,
Tito Lívio.

Grammatica Franceza

O Compendio de Emile Sevêne,
Telemaco por Fenelon,
As Fabulas de La Fontaine

Grammatica Ingleza

A Grammatica de Constancio,
A Historia da Grecia por Goldsmith,
O Paraíso perdido por Milton.

Geometria

Os Compendios de La Croix.

Rhetorica e Poetica

Os Compendios de Francisco Freire de Carvalho.

Filosofia

Os Compendios de Ponelle.

Geografia, Chronologia e Historia

O Compendio de Justiniano José da Rocha,
O Compendio de Julio Franck,
O Compendio de José Saturnino da Costa Pereira.

Maceió, na Secretaria do Lycêo, 2 de Novembro de 1849.

Francisco José da Silva Pôrto
Secretario do Lycêo."

Note-se a ênfase que era dada ao estudo do Latim, para o qual se adotavam oito livros diversos. Caprichava-se no seu ensino. Eram-lhe dedicadas 4 horas, em dois turnos. O professor tinha que adotar na sua aula o sistema de decúrias. Também eram as aulas mais frequentadas.

O ensino de Português ou como se dizia – Gramática Nacional e Análise dos Clássicos Portugueses – recebia igualmente especial cuidado e para êle recomendavam-se três compêndios, o que ocorria, ainda, como o Francês e o Inglês.

O conhecimento do Latim, por parte das gerações passadas, muito contribui para a aquisição de bom lustre cultural.

EXAMES GERAIS DE PREPARATÓRIO EM 1875

Ao aludir na *História do Liceu Alagoano* (p.61) aos exames gerais de preparatórios, que receberam também o nome de parcelados, e iniciados na Província das Alagoas por fôrça do Aviso Circular do Ministério do Império datado de 12 de outubro de 1875, nesse ano não citei os nomes de alguns mestres participantes das bancas examinadoras. E' que o fato seria dispensável se não fossem figuras ilustres estranhas ao meio alagoano delas participantes, bastando citar o professor Ernesto Carneiro Ribeiro, da Bahia (Português); professor Raimundo E. B. de Souza, da Bahia, José Maria de Albuquerque Melo, do Recife, e Odorico Otávio Odilon, da Bahia (História); Aurelino Henrique Pôrto, da Bahia e José Soares de Azevedo, do Recife (Geografia); Luiz Antônio de Freitas Tantu, da Bahia, e Alexandre F. Bittencourt Filho, da Bahia (Aritmética); professor João Vicente, do Recife (Geometria). Estendia-se o trabalho dessas bancas especiais designadas pelo Govêrno aos colégios particulares.

A propósito daquele eminente mestre e filólogo, que foi o professor Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, recordo de passagem um episódio ocorrido por ocasião do concurso a que se submeteu, em 1870, no Liceu Provincial da Bahia, para a cadeira de Gramática Filosófica na companhia do Dr. Guilherme Pereira Rebelo, que igualmente possuía vasta cultura linguística e literária.

Narra-o sucintamente o professor Elias de Figueiredo Nazareth deste modo: "Foi um concurso

brilhante e tal a excelência das provas exibidas em Palácio, sob a presidência do presidente da província, que a comissão julgadora votou *ex-eque* os dois candidatos. Entre eles não havia classificação numérica. Então, o Dr. Francisco Gonçalves Martins, na dificuldade da escolha, recorreu à sorte; e por este alvitre foram escritas em 2 cédulas estas inscrições:

Tive mérito e tive sorte.
Tive mérito e não tive sorte.

Chamados os dois candidatos, tirou a primeira cédula o Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro que, ato contínuo, foi nomeado" [17].

Em 1860, estudante do 5º ano, mas já professor de línguas, Ernesto Carneiro Ribeiro disputara com mais sete candidatos a cadeira de Francês, no mesmo Liceu da Bahia. Porém, dessa vez, a votação que obteve não lhe foi favorável, embora classificado.

Não tenho certeza de que todos esses ilustres examinadores participaram, efetivamente, das bancas, vindo até à Província das Alagoas. Que foram convocados, está escrito; e, possivelmente, também deram cumprimento à missão de que foram investigados pelo Govêrno Imperial. Sendo assim, o professor Ernesto Carneiro Ribeiro, que se celebrizaria pela polêmica mantida com Ruy Barbosa a respeito da redação do Código Civil, teria ligado seu nome imortal à nossa velha casa de ensino e ao próprio ensino nas Alagoas, naquele ensejo.

---

[17] NAZARETH, E. de Figueiredo. **Lycêo Provincial da Bahia** (De 1836 a 1890) Bahia. Typ. Bahiana, 1914, p. 44.

OUTROS INFORMES

A febre amarela, uma aliada lúgubre

A febre amarela que incursionara na Província, pela primeira vez, segundo Tomaz do Bomfim Espíndola[18], no ano de 1850, fora uma aliada contra o progresso do Liceu. Além de fazer vítima no seio do professorado, afugentou os alunos. Em 18 de fevereiro de 1850, o Presidente Dr. José Bento da Cunha Figueiredo oficiou ao Diretor do Liceu, Dr. Fernando Affonso de Mello, no sentido de que, atendendo a que, "pelos inconvenientes das febres que atualmente reinam, não têm os alunos podido matricular-se no prazo estabelecido pela lei, os fosse admitindo enquanto não dêm as faltas que importam na perda de ano letivo".

A referida febre foi introduzida, no Brasil, no ano de 1849; pois, antes, fizera epidemicamente inúmeras vítimas, havendo o Dr. João Ferreira da Rosa no seu célebre *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco*, editado em Lisboa, feito alusão à "epidemia dos males, corrução dos ares" que grassou no Recife e Bahia no século XVII. Não teria o "mal de Sião" ou "Bicha" feito alguma vítima no território alagoano, antes de 1850? E assim, em vez de ser esta data a de sua primeira incursão, seria a de sua reintrodução? E sendo, como é sabido, estreitas as relações entre os dois centros acima citados e as Alagoas, especialmente no que tange à vinda de escravos?

A Gramática Nacional, de José Alexandre Passos

---

[18] ESPINDOLA, Tomaz de Bomfim, ob., cit.

Em 14 de novembro de 1850, o governo manda entregar ao Diretor do Liceu, pelo Inspetor da Tesouraria Provincial, 150 exemplares da *Gramática Nacional*, de autoria de José Alexandre Passos, para o destino determinado pela Lei provincial n.114, de 16 de maio de 1849.

Não foi essa, contudo, a sua obra gramatical mais importante. Merece êsse título, na opnião esclarecida do também filólogo alagoano, Aurino Maciel, o *Dicionário gramatical português*, aparecido em 1865, no Rio de Janeiro.

O Tribunal do Juri no Liceu

Em 31 de maio de 1851 foi posta à disposição do Juiz de Direito da Comarca de Maceió a "casa" do Liceu para nela funcionar o Tribunal do Juri. A razão disto foi que os jurados se recusavam a comparecer ao prédio da Cadeia pelo "temor de bexigas". Um novo transtorno criava-se com isso ao funcionamento das aulas. No Liceu funcionou, também, a sociedade *Gabinete de Leitura*, além da Secretaria da Instrução Pública. Todos esses atropelos se davam no prédio colonial da praça da Matriz.

Data de 1858 a criação da sociedade *Gabinete de Leitura*, cuja utilização, por parte do público, nos seus primeiros três anos, foi sabidamente improdutiva, "por estar sempre fechada" [19].

---

[19] ESPINDOLA, Tomaz do Bomfim, **Relatório da instrução pública e particular da Província das Alagoas** apresentado ao exm. Snr. Dr. Esperidião Eloy de Barros Pimentel. Maceió, Typ. do Bacharel Feliz da Costa Moraes, 1866, p. 19.

Em 1865, com a criação da nossa atual Biblioteca Pública Estadual, no governo do desembargador João Batista Gonçalves Campos, veio essa repartição a funcionar anexa ao Liceu.

Consulte-se, a respeito, para mais amplo conhecimento, a seção EFEMÉRIDES ALAGOANAS[20], mantida no órgão de imprensa oficial, pelo *Arquivo Público de Alagoas*, e de autoria do seu Diretor, Moacir Medeiros de Sant'Ana, onde o assunto recebeu tratamento extenso.

Coma a saída ou desanexação da Biblioteca Pública do Liceu, fato ocorrido em 1898, na administração do Dr. Manoel José Duarte, aquêle estabelecimento de ensino passou a contar somente com a sua própria biblioteca, pois sempre a manteve, embora de modo precário.

Houve época, mais ou menos pelos idos de 1910, em que a Biblioteca do Liceu encontrava-se bem aquinhoada de obras de cultura geral e didática, embora já se ressentisse da perda de volumes de certa valia que lhe havia doado o benemérito Mello Moraes.

O extrativo desses e outros volumes aumentou com o tempo, chegando à situação de verdadeira penúria a velha biblioteca do estabelecimento, e cuja recuperação vem sendo tentada, numa elogiável atitude, pelas últimas administrações da casa.

Concurso no Liceu em 1852

[20] DIARIO Oficial. Maceió, 26 jun. 1963. Efeméride do dia 26 de junho de 1865.

Em 24 de março de 1852, realizou-se o concurso para a cadeira de Gramática Nacional. O candidato, Dr. Francisco José da Silva Pôrto, fêz a prova escrita – "Brevíssimo Discurso" – naquele dia, estando o original arquivado no *Arquivo Público de Alagoas*. Foi nomeado vitalício.

Li, com interêsse, a prova escrita, vasada em bom estilo e abordado assuntos gerais relativos à matéria em concurso. Também, por essa época, o Bel. José Próspero Jeová da Silva Caroatá se submeteu a concurso para a cadeira de Geografia.

A contagem de faltas dos professores

Fazia-o a própria Congregação. Sob a presidência do Diretor do Liceu, a Congregação apurava o comparecimento dos professores, anotando-lhes as faltas. A relação era encaminhada, em seguida, à Tesouraria Provincial. Tinha um caráter rigoroso e o fato de ser a contagem assim procedida estimulava, senão obrigava ao cumprimento do dever, pois as faltas eram descontadas na boca do cofre. Nem era recebida a justificativa do faltoso. A Congregação, como um Tribunal, agia inflexivelmente. O absenteísmo sofria, assim, salvo os casos de doença comprovada ou outros motivos justos, guerra tenaz. Não que os professores fôssem sistematicamente faltosos; mas, por isso de a falta ser encarada – à justa – como coisa grave e ruinosa para o ensino e apuração revestir-se dêsse aparato.

Comemorações cívicas

Deixei claro na minha *História do Liceu Alagoano* a participação do Liceu Alagoano nas comemorações das grandes datas nacionais e estaduais, e em movimentos dessa natureza.

O *Jornal de Alagoas* de 18 de novembro de 1910, noticiando as comemorações da data da proclamação da República, realizadas em Maceió, naquele ano, alude, por exemplo, à passeata cívico-militar então levada a efeito, da qual participarem os alunos do velho Liceu Alagoano. Carregavam eles, com oficiais do Exército, as charolas com as etígies de republicanos históricos, entre as quais as do Marechal Deodoro da Fonseca e Silva Jardim, consideradas as mais artísticas. Sempre presente, pois, o Liceu com a mocidade estudantil nessas ocasiões.

Os primeiros bacharéis em ciências e letras

Completando os dados referentes ao Curso de Ciências e Letras, enumero, a seguir, os nomes dos primeiros bacharéis que se formaram nesse Curso, em 1910: Homero Correia Viégas, Osman Loureiro de Farias, Clóvis Loureiro de Farias, Diógenes Magalhães da Silveira, Armando Sampaio Costa, Edgar Valente de Lima, Américo Maia Filho, Mário Augusto da Guerra Jucá, Sidrônio Augusto de Santa Maria, José Agostinho Marques Pôrto Júnior, Dilia Gomes Ribeiro e Manoel Gomes Ribeiro Neto.

O ato de colação de grau foi solene, estando presentes o Governador do Estado, Dr. Euclides Vieira Malta, e outras altas autoridades.

Instruções militares

Durante a fase em que era dada instrução militar aos jovens do Liceu, da década de 1930 em diante, serviram como instrutores os segundos sargentos Josias Moura de Araújo, Manoel Angelim do Couto, Jacinto Lôbo Medeiros e José Correia de Melo.

Educação física

Em 4 de outubro de 1935, foi contratado por três meses para ministrar Educação Física, no Liceu, José Floriano Peixoto, atleta conterrâneo que mais de uma vez se exibira, em Maceió, em competições de luta romana e luta livre. A presença dêsse atleta em nossa terra estimularia os jovens de então à prática dos desportos e do atletismo amador, chegando a ser fundado um clube com o nome do valente alagoano. Era filho do inolvidável Marechal Floriano. Pode-se considerar José Floriano Peixoto um dos precursores, nas Alagoas, dos desportos atléticos, especialmente do treinamento da metodologia desportiva do atletismo de pêsos e halteres, embora essa prática, no Liceu, haja sido instaurada, como salientei na minha *História do Liceu Alagoano*, muito antes, ao tempo da direção do Dr. Alfrêdo de Araújo Rêgo. Mas, deve-se-lhe, com justiça, reconhecer que esse aspecto metodológicos recebeu, sob a orientação técnica do atleta alagoano, uma orientação perfeita, como rezam as crônicas.

Regimento atual

Completando notas anteriores, (*História do Liceu Alagoano*, p. 227) devo acrescentar que o novo Regimento do Colégio Estadual de Alagoas, aprovado pelo Decreto n. 861, de 22 de junho de 1960, compõe-se de nove (9) Títulos, seis (6) Capítulos e noventa e quatro (94) Artigos. O Corpo Docente do Colégio está constituído de professores catedráticos, interinos, adjuntos, assistentes, contratados, auxiliares de ensino e preparadores. O Art. 49 do Regimento estabelece que haverá dois professores catedráticos de Português, dois de Matemática, dois de Latim, dois de Francês, dois de Inglês, um de Espanhol, um de Grego, dois de História Geral, um de História do Brasil, um de Geografia do Brasil, um de Geografia Geral, um de Física, um de Química, um de História Natural, um de Ciências Naturais, dois de Desenho e um de Filosofia.

O uniforme escolar

Adotado desde alguns anos, o uniforme escolar com que se apresentam na atualidade os alunos é o seguinte: para os rapazes – túnica e calça de brim caqui (kaki) com debruns de côr azul, dragona (galões para o ciclo ginasial e estrelas para o ciclo colegial); para as môças – blusa branca com distintivo, do ciclo escolar, na gola, e saia pregueada de brim caqui. Calçados pretos e meias brancas.

Nos desfiles desportivos são usados trajes especiais, conforme o gôsto da época. Caiu em desuso o casquete de brim caqui usado pelos rapazes. Não há uniforme de gala.

Acerca de professores catedráticos e interinos de 1849 a 1960

Na relação dos professores catedráticos e interinos que fiz constar da minha *História do Liceu Alagoano*, houve algumas omissões involuntárias, decorrentes de omissões dos próprios assentamentos funcionais.

Deixaram, assim, de nela figurar alguns nomes. O do professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que lecionou interinamente a cadeira de Português; o do Bel. José Caralâmpio de Mendonça Braga, que esteve lecionando a cadeira de Geografia Geral; o do Dr. Ciro de Alencar Barreto Coelho, que no Curso Complementar lecionou a cadeira de Higiene.

Na citada relação, dei a cadeira de Gramática Francesa como ocupada, inicialmente, por José Sezinando Avelino Pinho (dr.) quando o foi, na realidade, por José Severiano de Mello (corrija-se à p.212); Aritmética, Álgebra e Geometria foi ocupada, ao ser criada, por Francisco Elias Pereira (anote-se à p.221); Filosofia Racional e Moral, ocupada em idênticas condições por Ignácio Hipólito Gracindo (anote-se à p. 227); Retórica e Poética, ocupada de início por Fernando Affonso de Mello (anote-se à p. 228).

Façam-se mais as anotações seguintes: Iago Francisco Pinheiro (p.211) jubilou-se por despacho do Presidente da Província, em 7 de abril de 1853 e foi substituído, na cadeira de Latim (Gramática Latina), pelo padre José Henrique de Amorim, que não citei na minha relação e, por sua vez, jubilado em 17 de

dezembro de 1857; Leopoldino Antônio da Fonseca (em vez de I. , como saiu) jubilou-se em 11 de abril de 1861 (p. 186 e 211); José Severiano de Mello foi jubilado em 28 de setembro de 1850; José Francisco Soares (p.209) jubilou-se em 6 de julho de 1870; o lente de Inglês (Gramática inglêsa) José Alexandrino Dias de Moura jubilou-se em 9 de setembro de 1870 (p.215); Domingos Bento da Moeda e Silva foi nomeado em 25 de julho de 1889 para a cadeira de Português (p.210); Francisco Frederico de Cerqueira Valente, que não consta na relação citada, na cadeira de Português, jubilou-se em 6 de junho de 1870; Francisco de Paulo Leite Oiticica (p. 214) foi nomeado em 22 de setembro de 1890, exonerado, a pedido, em 18 de novembro de 1892; Manoel José Duarte (p. 229) exonerou-se em 4 de fevereiro de 1892.

Na lista de Diretores do Liceu (p. 204) não figura o nome (entre os últimos diretores do Liceu, no fim do Império), do Dr. Antônio Francisco de Gouveia. O ilustre e saudoso médico foi nomeado em 30 de abril de 1889.

A reintegração do funcionário Agostinho Benedito de Oliveira

Ao referir, na minha *História do Liceu Alagoano*, o nome do saudoso servidor público Agostinho Benedito de Oliveira (pgs. 201/202) deixei passar sem comentário um fato que, com êle, ocorrera e merecedor de registro: a “derrubada” levada a efeito pela “salvação”, no funcionamento público estadual, atingira-o também. Sôbre o humilde e diligente

funcionário público que, desde 1899, prestava serviços no Liceu Alagoano e fizera até concurso para o cargo de amanuense que por último ocupara, a fúria "salvacionista" exerceu sua vingança (?) política, exonerando-se de suas funções no dia 4 de fevereiro de 1914. Tudo se permitira fazer à sombra da "salvação".

Não se deixou abater Agostinho Benedito de Oliveira, porém, ante a prepotência e o absurdo dos que haviam ascendido ao poder pelo fenômeno político conhecido como a "salvação", cuja "principal característica", no dizer do historiador Pedro Calmon, foi – "a ingerência das armas" [21]. Na defesa de seus legítimos direitos (até concursado era) recorreu à egréria Côrte de Justiça de Alagoas, pleitando sua reintegração no referido cargo, de que fora esbulhado. Como não podia deixar de ser, a sentença deu-lhe ganho de causa. Executando-a, o Govêrno do Estado, pelo Decreto n.819, de 11 de setembro de 1917, restaurou o lugar de amanuense da Secretaria do Liceu Alagoano e reintegrou o cidadão Agostinho Benedito de Oliveira no referido cargo – tudo em vista e por força infungível da sentença definitiva do Tribunal Superior do Estado, que anulara o ato do Govêrno. A "salvação", aqui, como em outros Estados, começara a desmascarar-se. A propósito das "salvações", que se propuseram a combater e derrubar (como derrubaram – pelas armas, aliás), os Governos ditos "oligárquicos", o jornalista Pedro da Costa Rêgo, cujo depoimento, à luz da história, se torna assás valioso e insuspeito, por haver êle próprio contribuído com sua pena e

---

[21] CALMON, Pedro. **História do Brasil**. Volume V. A República. São Paulo, cia. Editôra Nacional, 1956, p. 267 – Série <Brasiliana>, v. 176 – D.

participando como homem de partido dessa política intervencionista, afirmou o seguinte: "*A increpação de oligarquia existiu sempre no Brasil* (o grifo é meu). Em regra geral, aos Estados federados os governos de nosso desagrado nos pareciam invariavelmente oligárquicos, por serem de famílias alheias, excluída a nossa" [22]. Eis aí, lúcida e insuspeitissimamente dita, a verdade a respeito de "governos oligárquicos" no Brasil.

Vitorioso, Agostinho Benedito de Oliveira tornou à faina.

De volta à Casa, mestres e alunos receberam-no com efusiva satisfação. E até sua aposentadoria, em 1933, trabalhou como um mouro no Liceu.

O Liceu e a Faculdade de Direito

A propósito do nome de Agostinho Benedito de Oliveira, já vinculado á vida institucional do Liceu Alagoano, como servidor, recordo sua atuação no movimento que se coroou com a fundação da atual Faculdade de Direito da Universidade Federal de Alagoas.

Após marchas e contra-marchas, Agostinho Benedito de Oliveira promoveu e conseguiu realizar a 24 de maio de 1931, no salão de Congregação do velho Liceu Alagoano, situado então à rua do Livramento, uma reunião, da qual resultou a fundação da referida Faculdade. À Citada reunião estive presente e lembro-me que a ela compareceram, entre outros, Aurino Maciel, Barbosa Júnior, Guedes Lins, Inácio Gracindo,

---

[22] RÊGO, Costa. <Partidos regionais>. **Correio da Manhã**, Rio.

Leão Tavares Basto, Nelson Maciel Pinheiro. Houve um flagrante fotográfico da reunião. A partir de então, cada vez mais convencido do êxito da missão a que se propusera, sem medir sacrifícios, levar a cabo, Agostinho Benedito de Oliveira promoveu uma segunda reunião, levada a eferto, como a primeira, no velho estabelecimento de ensino.

Sem o querer talvez, Agostinho Benedito de Oliveira ligou o nome do *Liceu Alagoano*, à história da nossa Faculdade de Direito.

Nestas notas, reúno os nomes do *Liceu Alagoano*, de gloriosas e imarcessíveis tradições, e da Faculdade de Direito, que já transpôs mais de um quarto de século de vida, ao do saudoso servidor público.

Nasceu, assim, a velha casa de Virgílio Guedes e Antônio Guedes de Miranda no *Liceu Alagoano*.

INDICE

AO LEITOR 3
O PRIMEIRO DIRETOR DO LICEU 4
ABERTURA DO LICEU E INICIO DAS AULAS 5
NOVOS LOUROS 7
CORPO DOCENTE DO PERIODO DED INICIO 8
AS SUSBTITUIÇÕES INTERINAS 8
O PRIMEIRO RELATORIO DE TITARA 10
OS OUTROS DIRETORES EFETIVOS 11
DIRETORES INTERINOS 12
OS COMPENDIOS ADOTADOS EM 1849 13
EXAMES GERAIS DE PREPARATORIOS EM 1879 14

OUTROS INFORMES 14

A febre amarela, uma aliada lúgubre 15
A Gramática Nacional, de José Alexandre Passos 16
O Tribunal do Juri no Liceu 16
Concursos no Liceu em 1852 16
A contagem de faltas dos professores 17
Comemorações cívicas 17
Os primeiros bacharéis em Ciências e Letras 17
Instruções militares 17
Educação Física 18
Regimento atual 18
O uniforme escolar 18
Acêrca de professores catedráticos e interinos, de 1849 a 1960 18
A reintegração do funcionário Agostinho Benedito de Oliveira 19
O Liceu e a Faculdade de Direito 20